

ENSINO DE LITERATURA: Os multiletramentos a partir de letras de músicas do tropicalismo

José Antônio de Souza Júnior (UEPB)¹
Deise Luci Silva Cunha (UEPB)²

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo propor uma forma alternativa de se abordar a literatura em sala de aula com alunos do ensino médio. Para tanto, selecionamos a música como um gênero textual capaz de tornar as aulas mais atrativas e, ao mesmo tempo, mais reflexivas. Paralelo a isso, esse gênero textual foi selecionado devido ao fato de promover uma discussão de modo lúdico e divertido, temas e conteúdos relevantes à cultura e sociedade brasileiras. Tendo em vista isso, selecionamos o tropicalismo e o concretismo literário brasileiro, como temas fundamentais a serem aprofundados em sala de aula. Cabe citar, no entanto, que algumas músicas de personalidades da cultura brasileira foram fundamentais para essas discussões, dentre estas, podemos destacar: “Alegria, Alegria” e “Batmacumba” de Caetano Veloso e Gilberto Gil. Essa primeira música, além de interpretar criticamente o cenário brasileiro, protesta contra a dominação da tendência nacionalista que era hegemônica no campo da MPB, haja vista que em “Alegria, Alegria” são exaltados os “invasores”, ou os símbolos do imperialismo ianque como o rock e a coca-cola. Enquanto isso, “Batmacumba” apresenta uma estrutura transgressora de um texto nacional pleno de negritude ou de raízes africanas da macumba e se desenvolve através de estratégias linguísticas calcadas no hibridismo, na inversão e na subversão. Diante disso, tivemos como meta reforçar, nesse estudo, a importância de conduzirmos os alunos aos multiletramentos, essenciais à formação de cidadãos críticos, reflexivos, atuantes e participativos. Para fundamentar essa pesquisa, utilizamos como base o posicionamento teórico de alguns estudiosos, dentre os quais pode-se citar: Soares (1998), Dionísio (2006), Rojo (2012).

Palavras-chave: Literatura, tropicalismo, concretismo, música.

LITERATURA E ENSINO

A educação escolar brasileira é frequentemente destacada pelos meios de comunicação como um fator preocupante que compromete de maneira decisiva o progresso e o

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba – PPGLI (UEPB). juniorgalotrze13@hotmail.com.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba – PPGLI (UEPB). deiselucicunha@hotmail.com.

desenvolvimento do Brasil. Observamos que é prática comum desses meios responsabilizarem a defasagem do ensino pelas mazelas que assolam a sociedade como: a violência, o desemprego, a fome e outros. Por isso, fala-se constantemente em alternativas que propiciem o resgate de um ensino de qualidade e dentre essas alternativas destacam-se a qualidade e também a valorização salarial e social dos professores, a melhoria da infraestrutura das escolas e um trabalho mais amplo e mais intenso no sentido de divulgar a importância da escolarização para os nossos jovens.

Então, compreendendo o professor como o agente educativo formador de opinião e como o profissional da educação que está mais próximo do aluno, observamos, que cada vez mais, o ensino de disciplinas voltadas à reflexão crítica ganha importância. Dentre estas disciplinas destacamos a Literatura e as suas várias possibilidades de manifestação.

A literatura não está isenta de seu contexto histórico e do mundo real, cabendo à escola, sobretudo no Ensino Médio e na contemporaneidade, trabalhá-la interativamente com a realidade do alunado. Essa proposta segue a orientação dos PCNs, pois de acordo com estes o estudo da literatura no Ensino Médio precisa levar o aluno para um contexto social vivenciado fora e além dos limites do espaço escolar. Além disso, é através da literatura, que o discente trabalha sua liberdade, criatividade, cognição, percepção e outros aspectos que estejam ligados ao seu crescimento pessoal. Por isso, de acordo com os PCNs, nesta etapa ensino o professor deve priorizar a construção do letramento literário, para tanto, o docente deverá dinamizar suas estratégias para apresentar ao aprendiz o texto literário bem como propor-lhe uma leitura prática, pois, sabemos que não existem fórmulas prontas, mas é possível criar estratégias para o ensino da literatura (PCNs, 2006).

Dentre essas estratégias, podemos destacar a música, pois esta adquire uma função essencial, à medida que possibilita a discussão de temas relevantes à contemporaneidade, além de conduzir o grande público aos debates essenciais ao equilíbrio da nossa sociedade, ou seja, a música sendo uma forma de manifestação que abrange um público consideravelmente superior ao literário, pode tornar-se um instrumento imprescindível à disseminação de relevantes temas essenciais à contemporaneidade e, ao mesmo tempo, desenvolver múltiplas habilidades e múltiplas formas de letramento. Principalmente, quando a manifestação musical pertence a um momento político, econômico e social de transformação vivenciado pela sociedade brasileira, como foi o Tropicalismo. Esse movimento musical, ao lado do concretismo literário, significou uma ruptura com a cultura vigente no Brasil, e ao mesmo tempo, o despertar de uma nova consciência acerca da importância da literatura para a discussão de temas relevantes à sociedade.

Tendo em vista isso, pretende-se com esta pesquisa discutir a relevância do tropicalismo e do concretismo literário para a cultura brasileira e, paralelamente, desenvolver uma proposta pedagógica, segundo a qual seja possível conduzir alunos do 3º ano do ensino médio a refletirem sobre as transformações culturais e literárias perpassadas no Brasil na década de 1960. Ao se focar esse conteúdo curricular, contudo, temos como intenção estabelecer também o desenvolvimento de ferramentas que propiciem o aprimoramento dos multiletramentos, já que na perspectiva destes o ato de ler envolve articular diferentes modalidades de linguagem além da escrita, como a imagem (estática e em movimento), a fala e a música. Nesse sentido, o tropicalismo e o concretismo literário poderão contribuir de modo decisivo para um letramento mais significativo, eficiente e dinâmico do alunado.

LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS

O letramento, segundo Soares (1998, p. 39) é o “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; o estado ou condição que adquire, um *grupo social ou um indivíduo*, como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”.

Este termo, desde os anos 1980, vem suscitando reflexões pelo mundo devido ao reconhecimento da importância de não mais termos pessoas apenas alfabetizadas, mas sim cidadãos críticos e atuantes, que utilizam as tecnologias da leitura escrita para mudar a sua própria realidade e de todos a sua volta. Além disso, o letramento tem sido visto constantemente como uma forma de promoção, na medida em que ao ser letrado em uma sociedade eivada de defasagem educacional, torna-se um privilégio e fator determinante para um bom desempenho na vida pessoal e profissional de cada um. A escola, neste contexto, adquire uma importância crucial, ao passo que é ela a responsável principal pelo ato de alfabetizar e conduzir seus discentes ao letramento.

No entanto, na contemporaneidade apenas dominar e saber utilizar de maneira crítica e reflexiva a leitura e a escrita não é mais suficiente, na medida em que com o advento das novas tecnologias, quem delas não se apropriar e não souber extrair o melhor estará fadado ao ostracismo e à exclusão digital.

A partir dessa constatação Dionísio (2006) propõe uma revisão do conceito de letramento propondo a utilização do termo multiletramentos para designar a capacidade de atribuir e produzir sentidos a mensagens multimodais. De acordo com a autora, uma pessoa

letrada deve ser “capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagem” (DIONÍSIO, 2006, p. 131).

Nesse sentido, para Rojo (2012) multiletramentos, aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidades existentes em nossas sociedades: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. Diante desse contexto, é inegável que o indivíduo não pode mais continuar restrito à limitada noção do letramento, pois esta não mais é suficiente para abarcar as diversas formas de interações sociais. Sendo imprescindível a adoção dos multiletramentos a partir dos quais é possível produzir e construir leituras e textos críticos e reflexivos.

Diante desse contexto, se propõe neste trabalho construir, juntamente com o alunado do 3º ano do Ensino Médio, leituras e abordagens críticas, profundas e efetivas de algumas letras de músicas pertencentes ao tropicalismo literário brasileiro, levando-se em consideração a concepção dos multiletramentos e a importância destes para a sociedade contemporânea.

O TROPICALISMO E O CONCRETISMO

No final da década de 1960, a sociedade brasileira estava passando por intensas transformações caracterizadas pelo fervilhamento de uma juventude universitária dividida em antagonismos políticos e pelo dilaceramento de faixas e camadas majoritárias da população brasileira após o golpe de 64. A produção musical brasileira passava por uma fase de grande efervescência cultural e política, ativada por uma polêmica caracterizada pelo conflito entre correntes nacionalistas e ritmos estrangeiros:

O debate fundamental que alimentava a produção musical naqueles anos gravitava nos polos cultura nacional *versus* cultura internacional. Havia rivalidade entre tendências, e a partir de 1960 com os festivais de música das tevês Excelsior e Record, o fenômeno ocupa o centro da cena (CARMO, 2003, p. 59).

Com o apogeu dos festivais da Record, surge um novo surto de exaltação nacionalista que fez da MPB o símbolo de resistência ao golpe de 1964 e à invasão cultural estrangeira. No que se refere a este último sentido, pode-se observar que na MPB a corrente nacionalista era sustentada pelo CPC (Centros Populares de Cultura), que estabelecia certa barreira nacional em relação aos movimentos artísticos estrangeiros como o rock e o jazz. O CPC desconsiderava a influência cultural externa, pois a via como um obstáculo que impedia a busca pela identidade cultural da nação.

No entanto, uma parcela da juventude brasileira, sobretudo nas grandes cidades, estava cada vez mais ouvindo música estrangeira e abandonando, conseqüentemente, os preconceitos à influência cultural exterior, através da incorporação de ritmos de fora ou mesmo de certos instrumentos, como a guitarra elétrica. Nesse momento, surge o movimento tropicalista que teve como marco o lançamento do LP Tropicália ou Panis et Circensis, em agosto de 1968, sendo este o grande acontecimento musical do movimento. O LP trazia uma colagem de sons, gêneros e ritmos populares, nacionais e internacionais.

Durante um breve lapso de dois anos o tropicalismo alimentou-se das práticas vanguardistas e mostrou, a partir de seus critérios, uma grande eficácia para valorar os componentes culturais quer seja nacionais, quer seja estrangeiros, para a fomentação de sua produção artística.

Para isso, o tropicalismo realizou uma leitura pop e hippie da antropofagia de 1922 que permitia avançar na redescoberta das contradições culturais e sociais brasileiras. No entanto, apesar do tropicalismo surgir em contraposição ao nacionalismo ufanista defendido pela MPB, *a priori* essa contraposição não foi por influência direta da antropofagia oswaldiana, haja vista que Caetano, ao entrar em contato com Oswald de Andrade já havia produzido “tropicália”. Desse modo, só a partir do “Rei da Vela”, peça de Oswald de Andrade e dirigida por José Celso Martinez Corrêa, é que os jovens tropicalistas descobrem, efetivamente, a antropofagia oswaldiana, e conseqüentemente o sarcasmo e a paródia para se referir a sociedade brasileira e, sobretudo, descobrem a utilização da crítica demolidora à qual a burguesia nacional é submetida. No entanto, a partir dessa descoberta, a antropofagia oswaldiana torna-se imprescindível para a continuidade do movimento tropicalista. Desse modo, os tropicalistas assumiram:

à maneira do Oswald, a atitude antropofágica, devorando elementos *arcaicos*, vinculados à tradição, e *modernos*, associados às inovações técnicas. Do mesmo modo, as importações culturais são incorporadas sem qualquer temor de descaracterização de uma suposta pureza nacional, já que a cultura brasileira é vista como rica e pujante o suficiente para deglutir tudo que possa vir de fora (NAVES, 2000, p. 7).

Com isso, os tropicalistas, sobretudo, Caetano Veloso e Gilberto Gil, utilizaram-se das ideias do movimento antropofágico, de Oswald de Andrade, para incorporar os elementos estrangeiros, criaram um novo produto artístico a partir da assimilação desses elementos não locais, fazendo gerar uma contracultura que se volta contra a dominação cultural imposta pelo momento vivido no país. Desse modo:

Os tropicalistas trabalharam com o choque violento que se produzia com a sobreposição da sintaxe modernista e da sintaxe dos meios de comunicação de massa, e seus músicos — sobretudo Caetano Veloso — encarnaram, ainda que por apenas quinze minutos, o mito do artista popular e de massa de vanguarda (AGUILAR, 2005, p. 143).

O tropicalismo transformou, com irreverência, o repertório da música brasileira, misturou vários estilos, revolucionando a cultura e todos os gostos de uma época; digeriu a cultura exportada pelas potências culturais, sobretudo, a Europa e os Estados Unidos, e regurgitou-a após ser mesclada com a cultura popular brasileira e a identidade nacional. Para isso, o tropicalismo, elaborou um painel crítico e de sínteses da cultura nacional, abusou do confronto e da mescla ao utilizar como matéria central, o deboche, a irreverência e a improvisação; e teve como base a tentativa de revelar as contradições próprias da realidade brasileira ao mostrar o moderno e o arcaico, o urbano e o rural, o progresso e o atraso e sobretudo, o nacional e o estrangeiro. Nesse sentido pode-se citar a canção “Alegria, Alegria” de Caetano Veloso:

[...]

Eu tomo uma coca-cola
Ela pensa em casamento
E uma canção me consola
Eu vou

Por entre fotos e nomes
Sem livros e sem fuzil
Sem fome, sem telefone
No coração do Brasil
[...]

Nessa canção, Caetano, além de interpretar criticamente o cenário brasileiro, protesta contra a dominação da tendência nacionalista que era hegemônica no campo da MPB, haja vista que em “Alegria, Alegria” são exaltados os “invasores”, ou os símbolos do imperialismo ianque como o rock e a coca-cola, ou seja, Caetano incorpora a conquista da moderna música popular ao próprio campo de pesquisa nacional, eminentemente de raízes musicais nordestinas, assim há, nesse canção tropicalista a assimilação, pela cultura brasileira, do que há de mais novo no campo da cultura externa, principalmente, Norte-Americana. É nesse sentido, sobretudo, que os tropicalistas resgatam a antropofagia oswaldiana.

Assim, o tropicalismo interpretou, diferentemente e em oposição à MPB, a impossibilidade do nacionalismo ufanista como resposta artística e sociocultural, haja vista que ao longo de toda a década de 1960, a defesa de uma cultura popular e nacional não adulterada pela presença estrangeira havia sido muito vigorosa. É dessa maneira que se pode observar a aproximação entre o tropicalismo e o concretismo:

O tropicalismo significou a consolidação da poesia concreta como parte do repertório da música de massa e da cultura letrada, mas também marcou o início de sua desintegração como movimento orgânico (fato que se comprova, ademais, na produção poética desses anos), porque o tropicalismo foi entre outras coisas, um movimento de crítica paródica e, complementarmente, o sinal de que a cultura de massa desestabilizava tanto as culturas populares como as culturas de elite ou de alto repertórios (AGUILAR, 2005. p. 152).

Diante do exposto, o tropicalismo e o concretismo apresentaram a mesma ideologia estético-cultural, pois ambos além de serem portadores de uma mesma força contra-ideológica em relação ao ranço romântico, populesco e ufanista; foram também, e, sobretudo, uma busca, sem medos e sem camuflagens, pela dialética nacional-universal da criação, como pode ser observado a partir da letra-canção “Batmacumba”, datada de 1968, época em que se vivia no Brasil uma forte influência internacional, sobretudo aquela do rock and roll. Assim, “Batmacumba”, que é um poema visual e de inspiração concretista, se constitui numa das simbólicas canções do tropicalismo, como é possível observar a partir de uma rápida análise:

Batmacumba iêiê batmacumbaoba
Batmacumba iêiê batmacumbao
Batmacumba iêiê batmacum
Batmacumba iêiê batmacum
Batmacumba iêiê batman
Batmacumba iêiê bat
Batmacumba iêiê ba
Batmacumba iêiê
Batmacumba iê
Batmacumba
Batmacum
Batman
Bat
Ba
Bat
Batman
Batmacum
Batmacumba
Batmacumba iê
Batmacumba iêiê
Batmacumba iêiê ba
Batmacumba iêiê bat
Batmacumba iêiê batman
Batmacumba iêiê batmacum
Batmacumba iêiê batmacumba
Batmacumba iêiê batmacumbao
Batmacumba iêiê batmacumbaoba

(Gilberto Gil e Caetano Veloso- 1968)

De início é possível perceber, que dois vocábulos, chamam atenção: Batman e macumba, pois se unem e formam uma única palavra, Batmacumba. Essa palavra valise, ou

seja, uma palavra que contém várias palavras revela a assimilação de duas culturas: a Norte-Americana, representada pelo super-herói branco, “o Batman” e a afro-brasileira representada pela macumba. É nesse segundo sentido que, principalmente, Batmacumba se focaliza, pois essa letra-canção apresenta a estrutura transgressora de um texto nacional pleno de negritude ou de raízes africanas da macumba e se desenvolve através de estratégias lingüísticas calcadas no hibridismo, na inversão e na subversão. Nesse contexto, fica evidente que a repetição dos sons, da letra-canção, é também uma iconização fônica das batidas dos tambores nos rituais de terreiro. Além disso, o poema revela a consciência dos sistemas semióticos que são influenciados diretamente do concretismo. Nesse sentido, inicialmente observa-se que o poema assume a forma de um K. O K, de acordo com (GUIMARÃES, 2009), remete à ideia de consumo, de cultura pop, era tido como um corpo estranho ao alfabeto brasileiro e conseqüentemente à cultura nacional. No entanto, a troca do *c* pelo *k* e também do *i* pelo *y* segundo (GUIMARÃES, 2009), revela um recurso visual, utilizado pelos autores, para reafirmar a antítese nacional *versus* estrangeiro. Ainda é possível observar que, as formas triangulares, no poema, remetem às bandeirinhas das festas juninas, símbolos da arte e da cultura nacional, sobretudo nordestina, que são, de fato, sínteses metonímicas de um universo alegórico multifacetado. Assim, é inegável que em Batmacumba o jogo com os dois idiomas, o português e o inglês, mostra-se análogo ao processo utilizado por Oswald de Andrade em “Tupi or not tupy?”, manifesto da antropofagia de 1928, segundo o qual todos os elementos culturais estrangeiros deveriam ser ritualmente devorados, visando assimilar do outro o que ele tinha de melhor.

Desse modo, deve-se perceber que o tropicalismo foi imprescindível para revisar o tema dos conflitos culturais. Para isso, ele propôs, em oposição ao nacionalismo defendido pela MPB, um nacionalismo crítico, baseado na antropofagia de Oswald de Andrade, deglutidor e ao mesmo tempo redutor das linguagens da tecnologia moderna ou de massa. Ou seja, o tropicalismo propõe:

ao contrário de um nacionalismo ingênuo, fechado, numa idéia temática, que corre o risco de se transformar, inclusive, em literatura exótica, naquilo que Oswald chamava de “macumba para turistas”, e que repele o confronto com técnicas estrangeiras por temor de servilismos e desconfiança de sua capacidade de operação e superação das mesmas, se pode falar num *nacionalismo crítico*, que começa por uma empresa redutora (SANTAELLA, 1986, p. 107).

Tendo em vista isso, podemos afirmar que o tropicalismo e o concretismo, estiveram preocupados com um perfil nacional imaculado pelo ufanismo folclórico. Eles foram críticos

severos que produziram contra-ideologias estéticas ou estratégias culturais profundamente semelhantes. Assim:

Ambos, poesia concreta e tropicalismo — de modos diversos e em áreas distintas da criação, este com a força explosiva e corrosiva do humor, operando desde dentro na parafernália dos meios de reprodução-difusão em massa, aquela com a força implosiva do rigor implacável, perseguido, sem desvios, na solidão de um estúdio — acabaram por produzir contra-ideologias estéticas ou estratégias culturais profundamente semelhantes. Pela Poesia Concreta de modo mais implícito e implosivo, pela produção tropicalista de modo mais explícito (por isso mesmo, mais rapidamente legível aos críticos) (SANTAELLA, 1986, p. 103).

No entanto, apesar de se ter assinalado as semelhanças entre tropicalismo e concretismo é imprescindível destacar ainda que Augusto de Campos, através de seu livro “Balanço da Bossa” faz, segundo (AGUILAR, 2005. p. 135), uma defesa polêmica do tropicalismo a partir de quatro linhas interpretativas, com o objetivo de valorizar ou demonstrar a relevância da música de massa ou popular, sendo estas linhas: a distância crítica; o isomorfismo para valorar a modernidade da obra; a homologia entre os campos e o por último, o novo cenário tecnológico dos meios de comunicação de massa. Destas linhas, pode-se destacar as duas últimas.

No que se refere à homologia entre os campos, observa-se que os poetas concretos, em sua tarefa crítica, reproduziram, no campo da música de massa, enfrentamentos que vinham de longa data nos debates da poesia e da plástica. Nesse sentido, a homologia entre os campos se dá a partir do momento em que se constata que a renovação da arte brasileira iniciada pelo “espetacular salto qualitativo” da bossa-nova, se estende desde a arquitetura, passando pela poesia concreta e incidindo, conseqüentemente, na música tropicalista. Desse modo, o nacionalismo crítico que os concretos utilizavam em sua produção artística tem correspondências com a bossa-nova, devido à capacidade desta para processar dados internacionais, como o jazz e para recuperar de forma renovadora a música brasileira do passado.

Já no que se refere ao novo cenário tecnológico dos meios de comunicação de massa, observa-se que é, principalmente, nesse meio que se confluem o concretismo e o tropicalismo, pois ambos utilizam esse cenário tecnológico como o lugar aberto a todas as nacionalidades para a devoração antropofágica, para a mistura cultural, enfim para o espetáculo de devoração do outro. Além disso, nesse livro “Balanço da Bossa” Augusto, ao enfatizar a continuidade que o tropicalismo dá à bossa-nova, põe lado a lado, João Gilberto e Caetano Veloso. Assim, fica claro que, a partir desse ponto de vista expresso por Augusto de Campos, os tropicalistas baianos, apesar do uso constante do humor e da paródia, nos meios de comunicação de massa,

não pretendiam romper diretamente com toda a tradição artística e musical de até então, mas sim, pretendiam retomar a linha evolutiva e levar adiante os experimentos da bossa nova, na figura de João Gilberto.

A MÚSICA EM SALA DE AULA

Com a Lei Nº 11.769 sancionada pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva, no dia 18 de agosto de 2008, segundo a qual estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de educação básica, houve um reconhecimento público e notório deste componente, como uma importante ferramenta auxiliadora da aprendizagem. Além dessa Lei federal, os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) enfatizam a importância desse componente, pois destacam que a música possibilita aos alunos se expressar, se comunicar, bem como promover experiências de apreciação e abordagem em seus vários contextos culturais e históricos.

A música permite e possibilita que a vasta riqueza cultural e artística existente em nossa sociedade seja incorporada, de fato, no projeto educacional. No entanto, isso só acontecerá se escolas e espaços que trabalham com educação começarem a valorizá-la e incorporá-la aos conteúdos e disciplinas escolares através da interdisciplinaridade.

Conhecendo a realidade do sistema educacional brasileiro, sobretudo, a rede pública de ensino, observamos que professores, em sua grande maioria preparam aulas que não despertam o interesse dos alunos, contribuindo com a falta de atenção, com o baixo rendimento escolar e com um aprendizado mecânico. Tendo em vista isso e partindo da concepção de que a música ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida, faz-se necessário pesquisar como a música pode ser um recurso didático e o porquê a mesma não é utilizada com mais frequência como recurso de aprendizagem, proporcionando assim uma aula mais dinâmica.

A música pode ser uma atividade divertida e lúdica que auxilia na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, já que desenvolve a mente humana, promovendo o equilíbrio. Além disso, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, a paciência, a sensibilidade, a coordenação, e a capacidade de memorização, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente com a construção da identidade do cidadão.

O uso da música na aprendizagem também valoriza o trabalho em equipe, na medida

em que, em conjunto os alunos podem desenvolver atividades de interesse coletivo, por isso, sua importância também em sala de aula. Essa visão é reforçada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, segundo os quais os alunos são capazes de utilizar as diferentes linguagens verbais, musical, matemática, gráfica, plástica e corporal como meio para produzir e expressar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação (BRASIL, 1998, p.7).

Em sala de aula, especificamente, a música pode ser usada da forma convencional, ou seja, com o professor de música ensinando a utilização adequada dos instrumentos musicais e, ao mesmo tempo pode ser utilizada para trabalhar um assunto mais específico, como é proposto aqui nesta pesquisa.

Tomando como referência o ensino de língua portuguesa se propõe, neste estudo, trabalhar com alunos do 3º ano do Ensino Médio algumas músicas pertencentes ao tropicalismo, sem, contudo, deixar de ressaltar a ligação desse movimento cultural com o concretismo literário brasileiro. Esse trabalho deverá ser desenvolvido na disciplina de Literatura, em 5 aulas de 45 minutos cada uma. Terá como objetivo desenvolver e estimular a sensibilidade e o senso crítico do alunado para reconhecer em algumas letras de música o momento político, social e econômico vivido pela sociedade brasileira da década de 1960.

Assim como, saber reconhecer as marcas deixadas por esse período na contemporaneidade. Paralelamente a esse objetivo, pretendemos também com essas músicas, trabalhar um conceito muito relevante para a nossa cultura, que é a antropofagia oswaldiana, com foi bem destacado no capítulo 2 desse texto.

Como metodologia dessa proposta sugerimos, inicialmente, a apresentação do acervo musical daquele período dominado pela ditadura militar. Para tanto, selecionaremos músicas de Caetano Veloso e Gilberto Gil, como por exemplo: “Batmacumba” e “Alegria, alegria”, citadas e analisadas anteriormente, que são símbolos de um período de resistência. Em seguida, propomos a apresentação das citadas músicas aos alunos, acompanhada da letra, para que fosse possível ler e ouvir as canções e, por conseguinte, identificar o trabalho musical inovador e perceber a crítica antropofágica produzida a respeito da influência cultural externa sobre o Brasil.

Nossa proposta se debruçará, sobretudo, na tentativa de levar o alunado a explorar as múltiplas possibilidades de se apreender o significado de uma letra de música tão significativa como é “Batmacumba”. Dentre essas possibilidades destacaremos, a parte visual do poema-canção a partir de uma análise, que utilizará preceitos e métodos da semiótica.

Com essa proposta, desenvolvida em 5 aulas, pretendemos conduzir os alunos a uma visão crítica e reflexiva sobre o tropicalismo e o concretismo literário brasileiro. Além do mais, almejaremos conduzi-los aos multiletramentos, pois eles terão acesso a várias formas de ler um texto, já que estarão em contato com a escrita, o som e a imagem.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta Brasileira:** As Vanguardas na Encruzilhada modernista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação. **Temas transversais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Cultura da rebeldia:** a juventude em questão. 2. ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003.

DIONISIO, Ângela P. *Gêneros multimodais e multiletramento.* In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.) **Gêneros textuais reflexões e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

GUIMARÃES, Denise Azevedo Duarte. **O espaço poético em busca da identidade nacional:** batmacumba. Disponível em: http://www.utp.br/eletras/ea/eletras9/texto/Artigo9_2.doc. Acesso em: 11 maio de 2016, às 10:48min.

NAVES, Santuza Cambraia. Da bossa nova à tropicália: contenção e excesso da música de massa. In: **revista brasileira de ciências sociais.** São Paulo, v. 15, n. 43, june 2000. disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092000000200003&script=sci_arttext&tIng=pt. Acesso em : 11 maio de 2016, às 10:32min.

ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Convergências:** poesia concreta e tropicalismo. São Paulo: Nobel, 1986.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** Belo Horizonte: Autêntica, 1998.